

SOBRE QUEM NÃO SOU
ENTREVISTA COM HELDER MACEDO

VERNAACULUM



SOBRE QUEM NÃO SOU
Entrevista com Helder Macedo

Por Leonardo Barros Medeiros

Helder Macedo nasceu em Krugersdorp na África do Sul. Dividiu sua infância entre Moçambique, Guiné, São Tomé e Lisboa. Hoje vive e leciona em Londres, já lecionou também nos Estados Unidos, na França e no Brasil. Jorge de Sena sobre seu primeiro livro *Vesperal* disse que foi o livro dos “mais perfeitos que por esse tempo se publicaram”. Helder divide sua criação poética entre prosa, poesia e crítica. Publicou *Vesperal* (poemas) em 1957, *Das Fronteiras* (poemas) em 1962, *Poesia 1957-68* em 1969, *Poesia 1957-77* em 1979, *Partes de África* (romance) em 1991, *Viagem de Inverno* (poemas) em 1994, *Pedro e Paula* (romance) em 1998, *Viagem de Inverno e Outros Poemas* em 2000, *Vícios e Virtudes* (romance) em 2000, *Sem Nome* (romance) em 2005 laureado com o prêmio do PEN Club Português em 2006 e *Natália*, seu último romance, em 2009.

“

Não consigo largar este maldito computador. Dormi até há pouco, vim logo para aqui, reli o que tinha escrito. Ainda não sei aonde isto me está a levar. Estou a escrever mais estas linhas agora tenho que decidir se vou ou não vou

”

ao vento.

In: Natália

Vernaculum: Como você conjuga a vida acadêmica com a poética?

São atividades distintas. Quando iniciei minha carreira universitária, aos trinta anos, já tinha alguns livros de poemas publicados. De algum modo, trouxe para a vida acadêmica a experiência criativa, sabendo embora que são práticas separadas. Mas nenhum professor deve ser “poético”, como nenhum poeta deve ser “professoral”...

Vernaculum: Sua obra é permeada de romances e poesias? Há alguma preferência?

A preferência depende do que esteja a querer dizer. Há coisas que só em poesia podem ser ditas e coisas que exigem uma transposição novelística. A grande diferença talvez seja que falo de mim em poesia e que nos romances invento quem não sou. Mesmo que me use como personagem e pareça estar falando de mim.

“

Tinha passado os últimos dias a pensar nos problemas de como escrever um romance, mas a Júlia de Sousa talvez ainda não tivesse percebido que é perfeitamente normal os escritores às vezes sentirem-se envergonhados pelos comportamentos que imaginam

”

para suas personagens.

Vernaculum: Quais os escritores o influenciaram?

Certamente vários, ao longo dos anos, e de modos diferentes consoante a fase da minha vida. Mas creio que não é tanto uma questão de influências quanto de afinidades. E, é claro, de aprendizagem. Os grandes mestres não são necessariamente aqueles que nos influenciaram, mas aquelas com quem aprendemos a ser nós próprios. Dessa perspectiva, os meus mestres preferenciais, em língua portuguesa, são certamente Camões e Machado de Assis. Mas também não posso esquecer Stendhal e Lewis Carrol.

In: Sem nome

Vernaculum: Seu livro *Partes de África* é considerado pela crítica como um dos marcos da literatura portuguesa pela ruptura com a tradição por meio de sua estrutura híbrida. Como se dá a fronteira entre o fato e a ficção nessa obra?

Imaginação e memória são processos mentais muito parecidos. Ambos incidem sobre o que não está acontecendo. A estrutura de Partes de África resulta da convergência entre esses dois processos. Nesse livro procurei “imaginar” o que aconteceu e “recordar” o que teria podido acontecer. Muitas das aparentes memórias factuais são fictícias e várias aparentes ficções correspondem a factos. Por isso também o eu autoral nem sempre coincide com o eu autobiográfico. Sou uma ficção de mim próprio como outras personagens do livro são ficções de pessoas que talvez tenham existido ou talvez não. Mas creio que isso é feito por todos os romancistas. Só que, geralmente, às escondidas, fingindo que não.

“

Bissau era uma pequena vila nostálgica e ansiosa, que transpirava o panteísmo esponjoso de uma lenta dissolução. A umidade dos corpos prolongava-os no ar, os pássaros caíam nas varandas, latejando, com os bicos abertos,

”

junto aos cães...

In: Partes de África

Vernaculum: Seu último romance, *Natália*, foi publicado em 2009. Para a personagem deste romance as coisas depois de escritas é que de fato parecem ter acontecido. Como se deu o fazer poético em uma obra em que o eu-lírico é feminino e que mais uma vez surge em sua obra a temática ficção atrelada à história?

Bom, sim, a personagem Natália está escrevendo um diário e um diário é sempre uma construção – ou reconstrução – nas palavras da escrita de coisas que podem (ou não) ter acontecido. Mas quem está escrevendo um diário não está, nesse momento, vivendo aquilo que está reconstruindo, está vivendo a escrita desse mesmo diário. Portanto o que Natália recupera no seu diário não são as coisas que podem ter acontecido (ou não) mas, como você diz na sua pergunta, as coisas que parecem ter acontecido depois de escritas. E essa é a natureza da própria história, você não acha? O que chamamos história nunca é o que está acontecendo mas a interpretação – ou memória – do que aconteceu. Eu, como escritor, tratei Natália como trato qualquer outra personagem, masculina ou feminina, de qualquer dos meus outros romances. Procurei dar voz e expressão a essa personagem como faria, por exemplo, num diálogo entre uma mulher e um homem. A diferença é que, neste livro, não há um diálogo, há um monólogo, que é o diário. E que as outras personagens, masculinas ou femininas, são entendidas da perspectiva da personagem que escreve o seu diário. Quanto a essa personagem ser mulher e eu, seu autor, ser homem, já sugeri há pouco que gosto de escrever sobre quem não

“
*Daqui a pouco é
madrugada, já se começa a
ouvir pássaros mais ainda se
ouve o silêncio da noite entre o
chilrear dos primeiros pássaros.
Vim ouvir o meu silêncio
dentro de mim. Tenho que dar
palavras à madrugada dentro
de mim.*”

In: Natália

sou. E não há ninguém mais diferente de quem sou do que uma mulher... Aliás creio que as personagens mais vivas dos meus romances tendem a ser as femininas.

Vernaculum: Você percebe na literatura portuguesa do século XXI alguma característica específica? Quem são os autores que deixarão sua marca?

Creio que há, felizmente, uma grande diversidade. É cedo demais para se detectar uma “característica específica”, e ainda bem. Logo se verá. E também é cedo demais para se saber quais autores deixarão sua marca. Muitas vezes, em todas as épocas, não são os quem têm maior sucesso imediato. E, de novo, ainda bem.

“

O meu instinto, que apesar de tudo me ajudou a safar-me até agora, tem sido sempre não transformar prazer em obrigação e ir fazendo pela vida

”

à margem do prazer.

In: Partes de África

Vernaculum: Há algum novo projeto em sua vida?

Vai sair em setembro um volume com a minha poesia reunida e estou começando novo romance. Mas isso não é um projeto novo em minha vida, é a continuação do que tem sido a minha vida. Até que deixara de haver vida e continuação...